

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

Éderson Ferreira CRISPIM

**O NOME DA ESTRELA**

São Paulo

2011

ÉDERSON FERREIRA CRISPIM

## **O NOME DA ESTRELA**

Trabalho temático interdisciplinar apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação sob a orientação e avaliação de todos os docentes da grade curricular do 2º semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2011

*Comovo-me em excesso, por natureza e por ofício.*

*Acho medonho alguém viver sem paixões*

Graciliano Ramos

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	ANTÔNIO BALDUÍNO OUVIA E APRENDIA .....	6
3	UM IMPERADOR A CAMINHO DO MAR .....	8
4	O INSULTO NEGADO.....	12
5	O NOME DA ESTRELA .....	13
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	14
7	REFERÊNCIAS .....	15

## 1 INTRODUÇÃO

Matéria de capa por Mayra Falcini em homenagem a um autor que se confunde com a história brasileira do século 20: “Sua morte gerou comoção nacional. Jornalista, músico, militante político, intelectual, escritor [...] Jorge Amado foi um verdadeiro homem de seu tempo” (FALCINI, 2010)

E pela professora Cilza Bignotto, um breve recorte: “*Jubiabá* é um marco em sua carreira: traduzido para o francês, tornou-se um sucesso internacional, elogiado por Albert Camus.” (BIGNOTTO, 2011)

Como nasce o herói negro Antônio Balduino? Quais são as faculdades que se destacam na construção dessa personagem? E qual é a causa necessária que o impulsiona a ser livre e entender a vida como um processo de luta? Este trabalho temático é uma homenagem e uma tentativa de compartilhar da lírica fluida e coloquial de essência, em Jorge Amado. Apresenta um viés construtivista de Antônio Balduino, desde sua *infância remota* por meio de suas observações da desigualdade social narrada na obra pelo autor militante. Ao trabalhar em contexto e com a lírica misteriosa e sensual de Jorge Amado, busquei caracterizar e acompanhar a construção do negro Antônio Balduino como herói brasileiro, que nasce da observação da cidade, do mar, dos sofrimentos alheios e de seus encontros afetivos. Sua vida é um território de expansão, ouve e aprende continuamente até o momento da ação, em que será explorado o aspecto revolucionário do texto. Seu imaginário é empregado no presente.

Parafraseando Albert Camus, em *A queda*, Antônio Balduino sem poder explicar é regido pelas vibrações de seu corpo, ama a vida e não pode deixar de lutar por ela.

Mesmo oscilando por marcas e paixões, Antonio Balduino, entre a miséria e o acaso dos encontros, tornar-se-á alvo do meio ambiente de uma consciência política. Esclareço que em todas as citações em que somente a página estiver citada, trata da obra temática escolhida *Jubiabá*.

## 2 ANTÔNIO BALDUÍNO OUVIA E APRENDIA

*Uma alma será passiva quando o corpo for passivo,  
Ativa quando ele também for ativo*

Baruch de Espinosa, século XVII

É mister dizer que Antônio Balduíno nasce precocemente ativo. Aos oito anos de idade e no apogeu de sua infância, no morro do Capa-Negro, sua consciência e sua capacidade de fruição foram seu primeiro contato com o exterior, reconstituído pelos sentidos e impressões vagas de um corpo-criança que, conseqüentemente, configurou-se em um ponto de partida para toda sua experimentação de mundo: “Ele ficava ouvindo os sons confusos, aquela onda de ruídos [...] aqueles sons de vida e de luta [...] não queria perder era o acender das luzes, revelação que era para ele sempre nova e bela” (p. 20)

Tal experimentação abriu um caminho a ser trilhado por ele em toda sua trajetória e crescimento pela Bahia de todos os Santos. Este caminho se desbrava em meio a um agir curioso e insubordinado; Balduíno ouvia, aprendia e se educava por meio de histórias trágicas e carreiras estranhas que não exigiam muita lição, no entanto, a escolha não lhe parecia justa, ou ser malandro, desordeiro, ladrão, ou, a escravidão das fábricas no campo.

Não demora muito e aprende que é negro, e o negro, enquanto sujeito histórico, fora tirado de uma África esquarterada pelo imperialismo industrial e, mesmo sendo forçado, torturado e caçado, constituíra-se como principal força de trabalho de um país tão extenso como o Brasil, para não falar das Américas. Não fora exatamente nesses termos que Jubiabá o ensinara em sua *infância remota*, mas Antônio Balduíno: “Respeitava-o porque ele sabia tudo e solucionava todas as questões entre os homens do morro. E curava as doenças e fazia feitiços fortes e era livre, não tinha patrão nem horário de trabalho” (p. 40)

Se uma criança precisa de modelos para construir sua personalidade, Balduíno é um agenciamento com todos os que puderam passar a ele uma causa livre, ou um jeito livre de ser. E nessa relação da criança com o mundo do reconhecimento, Jubiabá, senão é o primeiro, está entre os mais influentes. É por ele que vai conhecer a história de Zumbi dos Palmares, e vai descobrir o suficiente para lhe desejar uma estrela no céu.

A Vênus que brilha no céu, de uma Bahia de todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá, ainda não sabe, mas como toda força ativa constrói seus próprios símbolos; Balduíno vai reproduzir essa imagem na sua vida e por fim vai instituí-la no céu. Assim como certa vez ele reflete uma hipótese a partir das histórias de Jubiabá, ao pensar que se tivesse havido dois no mundo como Zumbi dos Palmares, a luta teria sido diferente e negro não ia ser escravo.

“Zumbi também apanhava”, diz Jubiabá, “mas lá na terra que ele tinha nascido ele não apanhava”, essa frase é uma revelação, mas a próxima, o menino Balduíno vai incorporar como uma ética, um modo de existir, “lá negro não era escravo, negro era livre [...]” (p. 60). Mas antes que crie sua estrela, Balduíno vai apanhar muito ao longo de sua vida, vai sofrer humilhações, vai se apaixonar e sentirá o sofrimento das mulheres das fábricas de charuto e dos homens sem mulheres nos campos de fumo.

Antônio Balduíno, apesar da perda de sua tia: “encontrou um amigo para substituir a velha Luísa no seu coração: Zumbi dos Palmares. Ele foi daí em diante seu herói predileto.” (p. 61)

Seria de se perguntar quantas crianças negras e pobres hoje têm esse conhecimento, sabem que existiu um Zumbi dos Palmares e que ele está no céu e não é o planeta Vênus e fora Antônio Balduíno o primeiro a avistá-lo lá em cima.

É de pai-Jubiabá que Antônio Balduíno ouve: “– Isto é para você ser forte e corajoso...” – amarrando-lhe uma figa no pescoço como um símbolo de carinho e proteção. “Eu gosto de você”, conclui. Antônio Balduíno não se sente só, ele já aprendera que ser homem é ser “macho” e “macho” nasceu pra ser forte, lutar e resistir.

### 3 UM IMPERADOR A CAMINHO DO MAR

*Do mar, ele tem certeza que lhe virá um dia qualquer coisa que ele não sabe o que é,*

*Mas que espera.*

Jorge Amado

Aos quinze anos Antônio Balduino se faz livre como um *imperador* na cidade religiosa da Bahia de Todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá: “Traz um boné em cima dos olhos e fuma um cigarro barato. [...] O imperador tem uma grande figa amarrada no pescoço.” (p. 65)

Antônio Balduino sempre nutriu um forte sentimento pelo mar, mesmo do morro do Capa-Negro ele namorava-o como a uma mulher, respeitava-o como a um mistério, se encantava com as cores e suas variações, e dessa forma é ele quem possuía o melhor lugar da cidade. Desde sua mais tenra admiração e assombro pelas singularidades sonoras ressoadas e iluminadas na cidade abaixo dele, é no mar que vai perceber que existe algo indiscernível.

Há algo no mar que o torna indomável, misterioso, odorífero e essencialmente forte. Antônio Balduino sempre buscou agenciamentos que o tornassem mais forte e mais resistente. Sua integridade sempre fora inexorável, mas é ao canto gratuito que aprende a amar as mulatas e no areal seu corpo encontra uma maneira de passar sua natureza. “Ele não sabe nem ninguém sabe. Mas falta alguma coisa, que para ele achar terá que cruzar o mar, ou esperar que o mar lhe traga no bojo de um transatlântico [...]” (p. 80)

Apesar de todo o mistério a espreitá-lo, é no seu namoro pelo mar que conhece um botequim *A Lanterna dos Afogados*, e se depara com uma nova realidade, distante da malandragem, distante do morro, distante das histórias heroicas e trágicas que já conhecia. Nascia um novo tipo de homem, um novo homem, e deste ninguém falara que existia ou mesmo dissera que trabalhava dia e noite, que comia mal e vivia de tristes corpos femininos lançados à prostituição, *mulheres da vida*, que, da vida, só lhes restavam o corpo, o místico e uma saúde precária.



No grande cais dos transatlânticos, os homens negros mais pareciam aos olhos de Antônio Balduino formigas diante de enormes guindastes controlados por homens. Enquanto Antônio Balduino amava com o mar e lhe permitia ver e banhar as suas amantes, havia homens vivendo sua própria contradição: “A contradição é a seguinte: o homem recusa o mundo como ele é, sem deixar de fugir dele. Na verdade, os homens agarram-se ao mundo e, em sua imensa maioria, não querem deixá-lo.” (CAMUS, 2008, p. 299)

Antônio Balduino passa a vida inteira a esperar, sua espera é vivida no presente, sua memória é irreconciliável, sua noção do tempo é sua própria força e sua própria tragédia, vive seu tempo como a um deus-criança, ele é a imagem construída de um homem de seu tempo, é como um Sísifo inconsciente a viver um suplício consciente. Paira no ar um grito abafado de quão vazios são os homens que vivem exilados em sua própria pátria, ou expatriados de toda e qualquer possibilidade de renúncia. Um homem fala ao som de uma paixão triste, um cego ao fundo canta o seu mistério, mas os homens precisam de um destino, Balduino sente tudo isso sem o saber, é ele por natureza um homem revoltado. Inflamado ao primeiro discurso reagindo à morte do velho Salustiano, é pela boca de um estivador que agora vai encontrar toda a sabedoria de uma vida que já lhe anunciava um destino do qual ele aprendera a fugir; um estivador olha para o lado, cospe com raiva e diz: “— Disseram que ele já não dava conta do serviço... Já não tinha força.”

Outro se aproxima e reforça: “— É sempre assim, matam a gente de trabalho e depois mandam embora. Quando a gente já não pode fazer outra coisa senão se jogar no mar...” (p.81)

Logo chega a polícia e agarra um homem que fala sobre a miséria que o povo estava acostumado a viver, a voz ecoa uma mensagem visionária, sonha em uma pátria nova em que todos tivessem pão e trabalho.

Sim, seu império e sua primeira liberdade se dão com as fatalidades que o circundavam, lembra e tem medo da morte de todos os que de alguma maneira fizeram parte de sua vida no morro do Capa-Negro e nas ruas da cidade.

Mas antes que o mar revelasse o canto gratuito, expressivo, frente ao qual ele muitas vezes parara para distinguir cada sensação, ele vai conhecer um treinador chamado Luigi que o tornará um pugilista campeão para representar a Bahia de Todos os Santos e do pai-de-santo Jubiabá, no Largo da Sé. É assistido pelos moradores do morro e da cidade, e, vindos do mar, pelos frequentadores da *Lanterna dos Afogados*.

São seus os dias de glória: “Os Jornais publicaram o retrato de Antônio Balduino novamente, e vendeu muito porque trouxe sua biografia.” (p. 123)

Antônio Balduino por sua própria índole sempre se conduzia à sua maneira e não por falta de força ou coragem. Durante a luta, na impossibilidade de se manter em pé no tablado por causa da bebedeira, que apanhara por conta da notícia de uma paixão triste que alentava fazia algum tempo, agora tinha seu destino entregue definitivamente nas mãos de um capitalista.

Isso para ele fora o início de sua queda, era preciso reinventar um novo destino: “Na falta de uma felicidade inesgotável, um longo sofrimento constituiria ao menos um destino” (CAMUS, 2008, p. 300)

Nenhum homem de seu tempo vive fora dele por muito tempo, é preciso voltar. E desse modo, Balduino sem o saber é-nos contemporâneo, é uma força que luta contra aqueles eleitos para uma vida de propriedade legitimada pela tradição e pela raça. Visita as fábricas de fumo em um processo de fuga e é tomado rapidamente pelo cheiro doce que é capaz de enlouquecer, onde mulheres “passam silenciosas como se estivessem bêbadas [...] entram pelas ruas estreitas que escurecem e rumam para os becos sem iluminação” (p. 157)

E assim vão elas entristecidas, famintas, conversando em voz baixa, com medo das multas por causa das conversas nas fábricas. A liberdade de expressão era-lhes desconhecida.

Afinal: “A burguesia rasgou o véu sentimental da família, reduzindo as relações familiares a meras relações monetárias” (MARX; ENGELS, 2003, p. 29)

Uma gestante preocupada com a conta das multas direcionadas a quem interrompesse o processo de produção diz: “– E os dias que eu vou perder quando tiver o menino... Quantos dias...” Voz trágica e cheia de angústia. Antônio Balduino, como um justiceiro sem orientação, ouve e cospe para manifestar a sua indignação.

Em seguida o autor narra uma cena comercial: “Veem-se os grandes cartazes com os títulos. E num botequim um anúncio: -- os melhores charutos do mundo... Pra banquetes, jantares, almoços.” (p. 157)

E passam as mesmas mulheres que fabricavam charutos. Marx e Engels em o *Manifesto* observam (2003) que: “Depois de sofrer a exploração do fabricante e de receber o seu salário, o trabalhador torna-se presa fácil de outros membros da burguesia, do proprietário, do varejista, do usuário etc.” (MARX; ENGELS, 2003, p. 33)

Entre o desejo de efetuar sua natureza e o movimento de revolta, Antônio Balduino traz sempre dois punhais e sua gargalhada de homem livre. É ele agora uma “uma estrela vermelha com uma navalha na mão”, porque a outra perdera em uma luta de vida ou morte com um capataz em nome de uma rosa de 12 anos. Antônio Balduino não está só, ele dialoga com os seus.

É um sintoma: “No caso do escravo que se revolta contra o senhor, há um homem que se insurge contra outro, nesta terra cruel, longe do céu dos princípios. O resultado é apenas o assassinato de um homem.” (CAMUS, 2008, p. 134)

Jorge Amado nesse ponto é feliz e sua literatura encontra sua ideologia intelectual. É uma força que vem da vontade de sublevar a opressão, é como dizer que a revolta surge de um olhar isolado, mas fisiológico, experimentado, materialista e sensual. Balduino é todo marcado de experimentações e de símbolos históricos, sua força é uma construção social que mistura o trágico e o místico imediato e desemboca na sociedade de seu tempo.

A Bahia dos anos 30, essa Bahia de que ele é resultado, de alguma maneira é, para ele, qualquer coisa que lhe pertence. “Não basta viver, é preciso um destino, mas sem esperar pela morte.” (CAMUS, 2008, p. 301)

#### 4 O INSULTO NEGADO

É justo dizer que Antônio Balduíno de quando em vez pensava em Lindinalva – branca e filha de comendador –, a única mulher em todo o romance que lhe fora negada, mas foi um impulso para muitas outras, cuja lembrança não deixara escapar. Em todas as suas aventuras e desventuras, seu processo de fuga se iniciara no instante em que lhe fora negada a digestão desse sentimento que não conseguira esquecer. Lindinalva é abandonada pelo marido, seu pai morre em desonra e ela acaba se resignando a ficar em uma casa de mulheres, vende seu corpo em troca de comida e um lugar para morar. Antônio Balduíno é avisado e vai até ela um pouco a contragosto, um pedido carinhoso é feito e o prende ao destino dos homens, por amor ou pela necessidade, surge uma confiança a ele nunca antes direcionada, uma espécie de filho bastardo que o religa novamente ao absurdo dos guindastes que matam os homens e os fazem escravos de outros homens, mas Balduíno é feliz e aceita seu destino. É trabalhador, é estivador, recomeça outra jornada, uma jornada de trabalho. Tal mudança é uma transformação: de romance brasileiro para uma literatura proletária, uma greve de três dias acontece e Balduíno é seu protagonista, uma nova consciência aparece e, a necessidade é a mesma em todo mundo. Balduíno aos poucos vai relembando a *infância remota*, a sua adolescência como imperador da cidade, recorda da morte do velho que discursava em nome do sofrimento do povo. Cada apito, cada visão era alguma coisa que resistia. Sozinho não poderia fazer nada, suas canções iriam perder significado, seu glorioso corpo iria se desgastar, sua mente se confundiria em meio aos corpos do cais e às obrigações de pai. O sofrimento ainda não acabara, estavam todos expostos à fome e à miséria, a greve era alguma coisa que mexia com todos e Balduíno ouvia e aprendia sempre. Antônio Balduíno é insultado por um bêbado, mas não se deixa afetar e pensa: “A greve é dos condutores de bondes, dos operários, das oficinas de força e luz, da companhia telefônica. Tem até muito espanhol [...] muito branco [...] Mas todo pobre agora já virou negro [...] explica Jubiabá” (p. 291)

## 5 O NOME DA ESTRELA

Havia algo na greve que deixava Balduíno em uma espécie de zona de conforto: líder precoce desde infância era-lhe prazeroso aderir à greve e ajudar os homens, todos eles, brancos, espanhóis, portugueses, negros e mulatos, todos trabalhadores e não pediam nada além do aumento de salário. Balduíno escuta que “todos os operários, os estudantes, os intelectuais pobres, os camponeses e os soldados se deviam unir na luta contra o capital [...] capital e ricos querem dizer a mesma coisa” (p. 296)

Antônio Balduíno aprende a lutar com a voz e *penetra mansamente* na macumba de Jubiabá. Ouve sons de batuque agora estranhos, que repercutem em seus ouvidos como uma toada de guerreiros, *sons de libertação*. Brilha no céu uma estrela que certa vez um intelectual dissera que era Vênus, o planeta. “Mas ele ri do estudante porque sabe que aquela estrela é Zumbi dos Palmares, negro valente que morreu para não ser escravo, é Zumbi que brilha no céu e vê o negro Antônio Balduíno lutando [...]” (p. 298)

Ele adentra o espaço e pretende avisar para todo mundo que ele confiava: “Meu povo, vocês não sabe nada... Eu tou pensando na minha cabeça que vocês não sabe nada... Vocês precisam ver a greve, ir pra greve. Negro faz greve, não é mais escravo. Que adianta negro rezar ...” (p. 299)

Enquanto os patrões estão defendendo seus interesses, Antônio Balduíno entende que a greve é boa e abraça um sujeito que nunca vira. Um manifesto é lido e a greve ganha. Já não há mais diferença entre Jubiabá e Antônio Balduíno e “o feiticeiro se inclina diante dele como se ele fosse Oxalufã, Oxalá velho, o maior dos santos” (p. 325)

É como dizer que Antônio Balduíno rompe com uma relação tradicional com a história de seu tempo, depois de passar pelo antagonismo de paixão e de classe. Agora, é preciso passar a reproduzir seu próprio entendimento e, nesse ponto, ele é revolucionário e se aproxima de uma literatura de construção, ou seja, não para de se construir. Há uma passagem no *Manifesto* que exemplifica esse pensamento: “A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais” (MARX; ENGELS, 2003, p. 45)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda obra é de natureza socializante e de transformação, na busca por uma literatura que valesse o esforço da datilografia, Jorge denuncia os problemas de desigualdade social e de socialização do negro e assimilação dos estrangeiros por meio da consciência de classe operária inspirada pela literatura marxista e pelas transformações mundiais que vinham ocorrendo, desde a revolução russa, cujo processo se inicia em 1905.

Jorge Amado, em busca de um herói nacional, mergulha *in loco* em uma Bahia de forte cultura negra, e prepara uma literatura experimental em que mistura o absurdo das relações cotidianas até encontrar o infantil ativo e abandonado, mas fecundo como símbolo de liberdade da criança negra: “O protagonista do romance, Antônio Balduino, é dos primeiros heróis negros da ficção brasileira” (BIGNOTTO, 2011)

É possível considerar o romance *Jubiabá* como uma criação única e um processo em potencial que mescla uma memória inventada e reconstituída de encontros e experimentações, cuja força emerge em meio aos desafios de absorção e aprendizagem por pessoas que acreditavam nele e a ele dedicaram afeto e reconhecimento. Seus modelos de homens e de mulher (tia Luísa) que fizeram diferença na história de sua vida, na história dos escravos e na história dos homens, tornaram-no um homem histórico, um homem de seu tempo com o direito à liberdade, direito à fala e direito à diferença.

Guiado pelas forças afetivas e de empatia ao sofrimento, sob o assombro do mar e o absurdo das mortes, a postura imediata de prontidão à espera de algo, de um ruído, de uma canção, de estímulo ou, de um corpo experimentado de mulher.

Após a greve, pensa: “um dia hei de viajar, hei de sair para outras terras”. Antônio Balduino é uma obra aberta que realiza a si próprio como um campo de batalhas.

## 7 REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **Jubiabá**: romance. 40. ed. Rio de Janeiro: Record, 1981. 331 p.

BIGNOTTO, Cilza. Jorge Amado para crianças: o amor entre seres diferentes e a linguagem coloquial. **Carta Fundamental**, São Paulo, n. 30, p. 42 - 43, 2011.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

FALCINI, Mayra. Amado Jorge: fascinante, a trajetória de Jorge Amado confunde-se com a própria história cultural do século 20. **Literatura conhecimento prático**. São Paulo, n. 33, p. 54 - 59, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003. 68 p. (Cadernos marxistas).